

A importância de uma aprendizagem afetiva para o desenvolvimento infantil**The importance of affective learning for child development**

DOI:10.34117/bjdv6n4-218

Recebimento dos originais: 15/03/2020

Aceitação para publicação: 15/04/2020

Leticia Aparecida Lopes Oliveira

Graduação em Pedagogia

Instituição: UNIMOGI, Mogi Guaçu-SP

E-mail: oliveira.leticialopes.ap@gmail.com

Samanta Stéfanie Dos Santos

Graduação em Pedagogia

Instituição: UNIMOGI, Mogi Guaçu-SP

E-mail: samanta.estefany@hotmail.com

Thaise Renata Silveira E Souza

Graduação em Pedagogia

Instituição: UNIMOGI, Mogi Guaçu-SP

E-mail: thaise_souza_94@hotmail.com

Elenise Meschiari Delbim

Especialista em Educação Inclusiva e Direito Educacional – Pedagogia, Psicopedagogia e licenciada em Letras

Instituição: FIMI – Faculdades Integradas Maria Imaculada.

E-mail: Elenise.mdelbim@gmail.com

Anderson Martelli

Mestre Ciências Biomédicas

Instituição: Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto – FHO

E-mail: martellibio@hotmail.com

Lucas Rissetti Delbim

Mestre em Qualidade de Vida e Meio Ambiente

Instituição: UNIFAE Instituição de ensino superior

E-mail: lucasdelbim@hotmail.com

Sergio Fernando Zavarize

Doutor em Psicologia

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas.

E-mail: sergio.fernando.zavarize@gmail.com

RESUMO

Esta revisão teve como objetivo fundamental abordar o tema afetividade e sua importância para o desenvolvimento infantil no processo ensino-aprendizagem. Dando ênfase às teorias voltadas ao tema de autores e estudiosos da área da Educação e Psicologia. Aborda-se também a necessidade de uma boa relação entre professor-aluno e família-escola, para que de fato possa ocorrer uma aprendizagem afetiva e significativa. A afetividade tem um papel crucial de grande valor para a Educação e Psicologia, focado principalmente no desenvolvimento infantil, período que a criança começa a conhecer-se e a conhecer o mundo que a cerca. O desenvolvimento desse trabalho possibilitou uma análise mais Aprofundada do tema e suas subjetividades segundo teorias desenvolvidas por autores e estudiosos da área. Conclui-se, portanto que, a afetividade figura como fator preponderante em relações educacionais e o impacto das mesmas no aproveitamento (significativo) dos envolvidos.

Palavras chaves: Afetividade, Educação Afetiva, Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

This review aimed at addressing the issue of affection and its importance for child development in the teaching-learning process. Emphasizing the theories focused on the theme of authors and scholars in the area of Education and Psychology. It also addresses the need for a good relationship between teacher-student and family-school, so that in fact affective and meaningful learning can occur. Affection has a crucial role of great value for Education and Psychology, focused mainly on child development, a period when children begin to know themselves and to know the world around them. The development of this work allowed a deeper analysis of the subject and its subjectivities according to theories developed by authors and scholars in the field. It is concluded, therefore, that affectivity appears as a preponderant factor in educational relationships and their impact on the (significant) use of those involved.

Keywords: Affectivity, Affective Education, Child Development.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea é possível observar inúmeros estudos direcionados para o contexto educacional, propiciando o desenvolvimento de novos conceitos e abordagens, porém alguns autores da Psicologia e da Educação como Piaget, Vygotski e Wallon ressaltam que mais relevante que o surgimento de novas metodologias pedagógicas é de fundamental importância à utilização do afeto no processo de desenvolvimento infantil direcionando para o favorecimento proporcionado por ele no ambiente escolar.

A personalidade se constrói em cima de duas funções básicas: inteligência e afetividade. A inteligência e o conhecimento possuem seu vínculo com o mundo físico e com a construção do objeto, porém, a afetividade está vinculada a sensibilidade interna e direcionada para a construção do sujeito, ou seja, o afeto figura como uma função determinante no

desenvolvimento da criança, definindo os interesses, necessidades e subjetividade de cada indivíduo (WALLON, 1979).

A partir do tema em questão, esse trabalho de revisão apresenta como objetivo central investigar e realizar uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem das crianças na educação infantil, levando em consideração os teóricos dessa temática.

Durante anos a funcionalidade da escola era caracterizada pela transmissão de conteúdos (que muitas vezes pareciam vazios e sem nexos aplicáveis); era nítida a divergência entre o ato de ensinar com o ato de transmitir, e nesse contexto o aluno era obrigatoriamente inserido como um agente passivo da aprendizagem e o professor assumia uma posição de transmissor concluindo que a razão ideológica da existência da escola se limitava a tarefa de repassar informações, baseados apenas em planos metódicos, promovendo e garantindo a herança cultural para as próximas gerações (ANTUNES, 2006).

Com o passar dos anos essa visão foi se desfazendo, e muitas teorias apresentaram a importância do aluno como um ser ativo dentro da sala de aula, ressaltando uma relação de troca entre aluno e professor, relação esta que só se faz possível através de vínculo bem estabelecido, para que assim a aprendizagem aconteça de forma significativa (GADOTTI, 1999).

Para Salvador *et. al* (2000) as relações interpessoais possuem inúmeras fontes importantes para o que sejam estabelecidas, porém, ele ressalta com veemência a importância de duas delas no ambiente escolar: **as relações-professor e aluno** e **as relações entre alunos**.

Infelizmente na metodologia pedagógica de muitas escolas contemporâneas a afetividade se tornou uma perspectiva pouco explorada e até mesmo ignorada, contribuindo negativamente na relação professor e aluno, figurando desta forma como uma perda de efetividade do trabalho transformador tão almejado pelas instituições de ensino.

A presente proposta foi desenvolvida a partir de uma pesquisa de revisão qualitativa que utilizou livros e artigos sobre os temas: Educação Afetiva, Afetividade e Afetividade na Educação Infantil foram os descritores utilizados no levantamento das obras eletrônicas. Para a construção do referencial teórico os artigos foram retirados da *SCIELO* e do portal de artigos Google Acadêmico, não foi utilizado critério temporal para seleção de artigos, uma vez que, muitas pesquisas clássicas datam de mais de duas décadas.

2 RESULTADOS

2.1 AFETIVIDADE E SEUS ASPECTOS

A afetividade é um conceito muito amplo e complexo que abrange as temáticas da sociologia, filosofia, biologia e principalmente no campo da psicologia moderna, possuindo divergências e perspectivas difusas e distintas, como não há um consenso entre os teóricos dessa área, este artigo dará ênfase a três autores e estudiosos reconhecidos: Piaget, Wallon e Vygotsky.

Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962) nasceu em Paris, França, foi um psicólogo, filósofo, médico e político francês. Tornou-se conhecido por seu trabalho científico sobre a Psicologia do Desenvolvimento (FRAZÃO, 2018).

Jean Piaget (1896-1980) nasceu em Neuchâtel, foi um psicólogo Suíço e importante estudioso da pedagogia infantil. Revolucionou os conceitos de inteligência e desenvolvimento cognitivo (FRAZÃO, 2015).

Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) foi um psicólogo bielo-russo que realizou diversas pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e do papel preponderante das relações sociais nesse processo o que originou uma corrente de pensamento denominada Sócio Construtivismo (FRAZÃO, 2017).

O estudo da afetividade no âmbito educacional é um fenômeno relativamente recente e com algumas dificuldades a serem superadas, pois, muitas vezes a herança positivista nessa área poderia limitar a inclusão desse tema, levando em consideração a rotulação pejorativa como não científica ou postulada como não relevante. A partir da década de 1970 que foram desenvolvidos os estudos empíricos que levavam em consideração as variáveis humanas subjetivas como afetividade e cognição, promovendo um interesse científico mais amplo nesse campo de atuação (FERREIRA e RÉGNIER, 2010).

Wallon possui inúmeras contribuições voltados para os estudos de Psicologia e Pedagogia, como apontam Ferreira e Régnier (2010), as principais delas são: a-) *A Conceituação Diferencial das Emoções* e b-) *Sentimentos e Paixão*, realizando a inclusão dessas manifestações como um desdobramento de domínio funcional mais complexo sem reduzi-los uns aos outros, denominado de: **Afetividade**. Ou seja, é possível definir a afetividade como um domínio funcional que apresenta distintas manifestações que irão se interagir no âmbito cognitivo e orgânico.

Em seu livro “A Evolução Psicológica da Criança”, Wallon (2007) conclui que existe uma ligação indissolúvel entre desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento biológico, ou

seja, que não existe a dominância de um dos desenvolvimentos sobre o outro, mas sim a existência de uma ação conjunta e até mesmo recíproca.

A cognição é um elemento fundamental na psicogênese do indivíduo, tendo seu desenvolvimento com bases biológicas, Wallon (2008) pontua que:

“O que permite à inteligência esta transferência do plano motor para o plano especulativo não pode evidentemente ser explicado, no desenvolvimento do indivíduo, pelo simples fato de suas experiências motoras combinarem-se entre si para melhor adaptar-se exigências múltiplas e instáveis do real. O que está em jogo são as aptidões da espécie, particularmente as que fazem do homem um ser essencialmente social.”

Levando em consideração essa fala direta de Wallon é possível pontuar que para ele a inteligência não se resume a apenas a combinação das capacidades motoras do indivíduo, mas é de fundamental importância considerar as características sociais dos seres humanos.

2.2 DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Para Piaget (1985), o desenvolvimento gira em torno de dois componentes que são fundamentais para o sujeito aprender: **cognitivo** e **afetivo**.

De acordo com o mesmo autor, o afetivo se relaciona a sentimentos, desejos, valores e emoções. O cognitivo se desenvolve junto ao afetivo. A afetividade interfere diretamente na parte racional e comportamental, podendo provocar acelerações ou atrasos no desenvolvimento cognitivo. Em cada estágio há um estilo característico através do qual a criança constrói seu conhecimento, como exemplificado no Quadro 01.

Quadro 01 - Estágios de Desenvolvimento - Jean Piaget.	
Primeiro estágio: Sensório motor (ou prático) 0 – 2 anos	Trabalho mental: estabelecer relações entre as ações e as modificações que elas provocam no ambiente físico; exercício dos reflexos; manipulação do mundo por meio da ação. Ao final, constância/permanência do objeto.
Segundo estágio: Pré-operatório (ou intuitivo) 2 – 6 anos	Desenvolvimento da capacidade simbólica (símbolos mentais: imagens e palavras que representam objetos ausentes) explosão linguística; características do pensamento (egocentrismo, intuição, variância); pensamento dependente das ações externas.
Terceiro estágio: Operatório-concreto – 7 – 11 anos	Capacidade de ação interna: operação. Características da operação: reversibilidade/invariância – conservação (quantidade, constância, peso, volume); descentração/ capacidade de seriação/capacidade de classificação.
Quarto estágio: Operacional-formal (abstrato) – 11 anos...	A operação se realiza através da linguagem (conceitos). O raciocínio é hipotético-dedutivo (levantamento de hipóteses; realização de deduções). Essa capacidade de sair-se bem com as palavras e essa independência em relação ao recurso concreto permite: ganho de tempo; aprofundamento do conhecimento; domínio da ciência da filosofia.

Fonte: Piaget (1985)

Adaptado pelas autoras

Wallon (1941) também divide o desenvolvimento em etapas, defendendo que a vida psíquica é formada por três dimensões: **motora, afetiva e cognitiva** que atuam de maneira integrada. Em cada fase umas dessas dimensões se sobressai, porém as outras não deixam de operar, é o que a teoria Walloniana denomina de conceitos de predominância funcional. Sendo um teórico mais flexível ele não acredita que seus estágios se constroem em uma sequência fixa e padronizada, podendo o estágio posterior suprir e reformar o anterior.

As cinco etapas do desenvolvimento para Wallon são apresentadas pelo Quadro 02:

Quadro 02 - Estágios de Desenvolvimento – Teoria Psicogenética, Henri Wallon.	
1° Estágio impulsivo-emocional: (0 a 1 ano)	<p>Motor-afetivo, interação entre a criança e o meio. Respostas às sensibilidades, movimentos, reflexos e impulsivos. Simbiose fisiológica, afetiva e cognitiva. Afetividade impulsiva expressa por gestos, mímicas, posturas e se nutre pelo olhar e pelo contato físico, pela resposta do outro, atividades descoordenadas vão se tornando cada vez mais precisas; Consciência corporal.</p>
2° Estágio sensório-motor e projetivo: (12 meses aos 3 anos)	<p>Marcha e fala. Movimentos instrumentais, comunicações simbólicas; Exploração sistemática do real: pegar, montar, desmontar, nomear, identificar e localizar. Atividade circular mais elaborada: coordenação mútua dos campos sensoriais e motores; Movimentos projetivos: mimetismo, imitação e simulação.</p>
3° Estágio do Personalismo: (3 a 6 anos)	<p>Afetivo e centrípeta. Progresso das respostas às sensibilidades exteroceptiva: Três características das relações interpessoais: Oposição ao outro, Sedução ou idade da graça e imitação; Inércia mental (totalmente absorvidas por suas ocupações do momento sem ter controle sobre mudanças ou fixação sobre ela). Construção da consciência de si, mediante as interações sociais. A troca afetiva dispensa a proximidade física da pessoa, podendo dar-se a distância.</p>
4° Estágio Categorical: (6 a 11 anos)	<p>Cognitivo e centrífuga. A afetividade se torna mais racionalizada. Maturação biológica, formação de personalidade em relação ao meio social. Gestos mais precisos e elaborados mentalmente com previsão de etapas e consequências. Pensamento Pré-categorial ainda marcado pelo sincretismo. Formação de categorias intelectuais. Tarefas essenciais</p>

	de conhecimento, concentração e organização.
5° Estágio da puberdade e adolescência: (acima de 11 anos)	Afetivo e Centrípeto. Última e movimentada etapa que separa a criança do adulto; ação hormonal. Fortalecimento do pensamento categorial; Apreensão da noção de tempo futuro completa a consciência de si; Alteração do esquema corporal; Ambivalência de sentimentos; Questionamentos de valores.

Fonte: Wallon(1979)
Adaptado pelas autoras

Conclui-se, portanto, que para Wallon (1979) o desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor se revezam nesse processo como uma construção progressiva e alternada que não se encerra na adolescência. O processo de aprendizagem implica sempre na passagem de um novo estágio que não é formado por verdades absolutas e sim por várias direções e possibilidades.

Diferentemente dos autores anteriores Vygotsky (1998) formula a teoria sócio interacionista, que propõe uma visão de sujeito que se desenvolve através do meio social e interativo, respondendo a estímulos. Ele não elaborou uma teoria de desenvolvimento infantil baseado em estágios, mas recorreu à criança como um modo de explicar o comportamento humano de forma geral usando conceitos como o de desenvolvimento real- aquilo que o sujeito consegue realizar e aprender sozinho e o desenvolvimento proximal- o que o sujeito realiza e aprende através da interação ou intervenção do outro. A aprendizagem ocorre a partir do processo de interação social, ou seja, as experiências vivenciadas com outras pessoas, assim a criança inserida num grupo constrói seu conhecimento com a ajuda de um adulto.

2.3 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

As relações humanas são complexas, ambíguas e multifatoriais, abrangendo nossas necessidades sociais, culturais, religiosas e biológicas, uma das principais e até mesmo precoce dessas relações se estabelece no início da vida no ambiente escolar, na relação professor e aluno. Ressaltando que a prática pedagógica é um processo que necessita de dinâmica própria, com o objetivo de desenvolver e promover o pensamento reflexivo, conduzindo a uma visão

política de cidadania e que possua abrangência e integração nos âmbitos da arte, cultura, valores e propiciar a ocupação do sujeito no mundo de maneira significativa (GOMES, 2006).

Para Gadotti (1999), quando o educador põe em prática o diálogo, deve levar em consideração que ele “não é o detentor do saber supremo”, mas sim, colocar-se na posição de quem não possui o conhecimento absoluto e reconhecer avidamente que mesmo um indivíduo analfabeto é portador do conhecimento essencial: o da vida e de viver.

Segundo Freire (1996) somos os resultados de vários fatores biológicos, psicológicos e sociais desde o nascimento. Seres em permanente estado inacabado seja aluno ou professor na relação ensino/aprendizagem. Diante desta relação é desenvolvida uma ampla e complexa gama de representações simbólicas que em qualquer momento pode ou deve entrar em um conflito social ou até mesmo cultural. O autor ainda ressalta que um bom professor possui a habilidade de, através da fala, atrair o aluno até a introspecção de seus pensamentos, ou seja, a aula se tornar um desafio e não uma simples canção de ninar, os alunos se cansam, mas não dorme, o cansaço é derivado do esforço repetitivo de sua cognição que muitas vezes não há uma relação de aplicação prática das ideias debatidas (ou apresentadas – impostas).

2.4 APRENDIZAGEM AFETIVA

Para Bariani e Pavani (2008) durante o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem estabelecido na relação professor e aluno é essencial manter ou realizar uma condução bi-direcional, ou seja, levar em consideração as influências exercidas pelo professor no aluno e do aluno no professor, levando em consideração a reciprocidade.

As interações afetivas na relação professor e aluno possuem uma importância significativa, Miranda (2008) define assim:

“A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional”

A partir dessa concepção é possível concluir que para o autor a construção de um relacionamento baseado em afetividade refletirá diretamente no bom desenvolvimento escolar e na qualidade de ensino, além da construção de cidadania e valores.

Segundo Tassoni (2000) toda forma de aprendizagem está sujeita ao desenvolvimento de afetividade, pois, essas relações se estabelecem a partir de interações sociais vinculadas. O autor também ressalta de maneira mais específica sobre a aprendizagem escolar, pontuando que as interações entre aluno e professor não ocorre apenas no âmbito cognitivo, mas que também possui uma base puramente afetiva.

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e em seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um *"sine quae"* da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua própria palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. É preciso que quem tenha o que dizer saiba que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado (FREIRE, 1999).

Tiba (1998), afirma que a maioria dos professores não apresenta no seu currículo capacitação para exercer o papel de formador. Uma vez que algumas escolas ainda estão ligadas e enraizadas a conceitos antigos diante a uma nova sociedade.

A relação entre professor e o aluno é de extrema importância principalmente para a educação infantil, o professor devido a essa proximidade acaba sendo considerado pela criança como da família. Fato ocorrido pelo professor ser um dos primeiros contatos da criança com o universo educacional, ressaltando a importância da afetividade para o aprendizado fazendo com que a criança se sinta aceita, acolhida e ouvida (KRUEGER, 2002).

Tendo a aprendizagem como um processo, que mostra efeitos e mudanças no comportamento do indivíduo, através de experiências que são construídas em torno de fatores emocionais, neurológicos, relacionais, e ambientais, ou seja, interferindo diretamente no desenvolvimento. Colocando o professor como mediador desse processo, intervindo através do diálogo, colaboração e criatividade. (MICHELS, 2010). Reafirmando Krueger (2002), é primordial que o professor acompanhe a criança em seu desenvolvimento em busca do universo de interesses, com a finalidade de despertar a percepção e a curiosidade da criança e na forma de sentir o mundo.

2.5 A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO ÂMBITO ESCOLAR: CONSTRUÇÃO DE VALORES

Para Sousa (2014), a afetividade começa no lar, junto à família porque a partir dessa relação que a criança desenvolve esse sentimento, que é tão precioso e importante para seu crescimento construindo seu emocional, fazendo com que a criança tenha a confiança em tudo que realiza, sendo valorizada e bem assistida, se sentido amada. O afeto estando presente desde as primeiras etapas da vida da criança, a prepara para compreensão e resolução de conflitos que as afligiam ao longo de seu desenvolvimento.

Os laços afetivos formados pela família podem desencadear um desenvolvimento saudável e positivo dentro dos diferentes ambientes em que participa, esse apoio contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, permitindo que a criança consiga enfrentar conflitos em situações cotidianas. Por outro lado, quando o vínculo é bem estabelecido, porém de modo exagerado, pode acabar dificultando a interação social da criança, por acabar não encontrando lá fora a mesma segurança que encontra com a família, criando uma barreira de socialização e ajustamento e até mesmo um sentimento de frustração. (DESSEN e POLONIA, 2007).

Zagury (2004), afirma que o objetivo maior da educação dos pais é transmitir aos filhos capacidade de reflexão e análise, voltadas a valores morais, e éticos com disciplina e adequação.

Na perspectiva de Gomide (2007) a família como primeiro grupo de convivência é sem dúvida o exemplo que a criança levará para a vida, ela aprende conforme o meio social em que está inserida, e desse meio absorve o que é importante para sua formação. Por isso a família é tão importante nesse processo o que implica envolvimento, comprometimento e colaboração, sendo um lugar privilegiado para a construção de valores em todos os aspectos. Quando a família deixa de transmitir tais valores, os demais vínculos formativos são prejudicados. A relação da escola com seus educandos deve ser uma relação com base afetiva, onde a família deve estar presente e acompanhar de perto, tendo a integração entre essas duas esferas institucionais, a qualidade do ensino será cada vez melhor.

3 DISCUSSÃO

O tema educação é um construto teórico e prático de suma importância e relevância no cenário nacional, porém, é um conceito amplo e complexo, onde são desenvolvidas

metodologias distintas com o mesmo objetivo em comum, com foco pedagógico enfatizado em outras áreas do desenvolvimento humano.

Até mesmo os principais autores da área de Educação possuem divergências e perspectivas distintas.

Como no caso de Piaget (1985) que se baseia fundamentalmente na cognição e afetividade para desenvolver os seus estágios com características distintas entre si, sempre enfatizando os estágios de maneira contínua e sem retrocesso, não sendo possível pular estágios acreditando que todas as pessoas passam por todos os estágios na mesma sequência.

Diferentemente do autor já citado acima, Wallon (1979) dá uma ênfase maior nas características emocionais e influências socioambientais, e para ele o desenvolvimento ocorre a partir de três componentes básicos: motricidade, cognição e afetividade, o desenvolvimento do pensamento infantil não ocorre de forma contínua, mas é marcado por descontinuidades dadas por crises e conflitos para a construção das etapas que se assemelham e até mesmo atuam de maneira conjunta entre si para o desenvolvimento integral da criança. Ele acredita que a inteligência surge dentro da afetividade porque para alimentar a inteligência faz-se necessário mobilizar os afetos.

Porém Vygostky (1998) descreve a relação-sócio interacionista, onde o indivíduo se desenvolve a partir de sua relação com o meio social, sendo influenciado diretamente pelos estímulos desse ambiente, não formulando estágios específicos para o desenvolvimento da aprendizagem, mas pontuando que o ato de aprender é uma constante até a fase adulta.

Levando em consideração o que o autor talvez mais significativo na história da educação relata que somos o resultado final de todos os fatores biológicos, psicológicos e sociais que vivenciamos desde o nosso nascimento (FREIRE, 1996).

Mesmo com divergências entre os autores citados no artigo é possível observar que com intensidades diferentes todos eles possuem a afetividade como um fator importante para o desenvolvimento integral e significativo do indivíduo.

Como conceitua Gazaro (2018) a afetividade é responsável por muitas das ações praticadas pela criança, pois, é a partir da construção afetiva que a mesma irá absorver e incorporar a cognição e as características baseadas em valores, interesses e motivações. A autora ainda complementa que é de fundamental importância incorporar a afetividade no processo de desenvolvimento infantil para que a criança absorva de maneira mais efetiva o conteúdo pedagógico, culturais e sociais expressados e demonstrados pelo professor.

Almeida (2008) ressalta algumas condutas que devem ser evitadas no tratamento diário com as crianças como evitar despertar sentimentos negativos como hostilidade, desprezo, ciúme e inveja, pois não possuem contribuição alguma para o convívio em sociedade, mas sim promover a cooperação mútua e não a rivalidade. O autor ainda acrescenta que a família e a escola possuem uma participação íntima no desenvolvimento da criança, pois, são ambientes que potencializam o surgimento de sentimentos e memórias que iram marcar a vida da mesma.

Assim como pontua Sarnoski (2014) a relevante importância no processo da relação entre emoção e atividade intelectual é encontrada na sala de aula, demonstrando que aluno e professor poderão vivenciar momentos de intensas sensações emocionais durante o desenvolvimento da aprendizagem.

O autor ainda descreve que a sala de aula é um ambiente social distinto do familiar, porém, um grande potencializador de desenvolvimento e aprendizagem, pois, é diversificada, ampla rede de interações e influência no estabelecimento de relações contínuas entre crianças da mesma idade e entre adulto.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que afetividade é um fenômeno da natureza humana que se desenvolve desde o nascimento até o fim da vida, responsável por promover a relação de um indivíduo com os outros seres e objetos.

A afetividade tem um papel crucial de grande valor para as áreas de Educação e Psicologia, focado principalmente no desenvolvimento infantil, onde a criança começa a conhecer-se e a conhecer o mundo que a cerca. O desenvolvimento desse trabalho possibilitou uma análise mais profunda do tema e suas subjetividades segundo teorias desenvolvidas por autores e estudiosos da área.

Na área psicológica, a afetividade potencializa as relações entre os indivíduos não sendo baseados somente nos sentimentos mas também em atitudes, na maneira como ela se relaciona com o mundo, é pensar num ser, mas também num coletivo, a intensidade de estímulos afetivos que uma criança recebe resulta e interfere diretamente no seu desenvolvimento cognitivo e motor principalmente nos primeiros anos de sua vida onde ela tem uma necessidade maior de interação. Os primeiros laços de afeto que a criança cria é junto à família, desde a barriga o bebê já consegue sentir tudo o que se passa com a mãe, por isso a família tem um papel muito importante no desenvolvimento do ser afetivo desde quando nasce.

Já para o processo de aprendizagem a afetividade pode ser uma grande ferramenta de auxílio, tendo o professor, o aluno e a família como protagonistas principais desse processo. Não há como desvincular um do outro, pois esses fatores refletem diretamente na formação da criança como indivíduo de maneira positiva ou negativa. Nos primeiros anos de vida ela necessita se sentir acolhida e segura para as realizações de suas ações, e para construção de uma aprendizagem significativa, é importante reforçar pontos positivos na criança na vida escolar para que ela enfrente os anos seguintes que virão e serão mais intensos em questão a aprendizagem, o professor tem q ter a preocupação que ele será mediador em todo momento nessa construção de e quando se estabelece vínculos afetivos essa construção de torna mais prazerosa para ambos .

Uma aprendizagem afetiva se dá na maioria do tempo dentro da escola na relação-professor aluno, porque é com o professor que o aluno passa a maioria do seu tempo dentro do âmbito escolar, porém a aprendizagem afetiva se estende para todo o corpo escolar, desde o porteiro, a merendeira até mesmo a parte de gestão quando todos os envolvidos se voltam com um olhar de preocupação para manter o ambiente e o bem estar da criança seja na recepção, limpeza ou alimentação ela já participa efetivamente para essa aprendizagem. Então é impossível falar de relações sem incluir a afetividade seja ela no ambiente pessoal, profissional ou escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A, R, S. A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon. **Inter-Ação: Revista da Faculdade de Educação da UFG**, v. 33, n. 2, p. 343-357, jul./dez. 2008.

ANTUNES, C. **A linguagem do afeto: como ensinar virtudes e valores**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

BARIANI, I. PAVANI, R. Sala de aula na universidade: Espaços de relação interpessoais e participação acadêmica. **Revista Estudos de Psicologia / 25(1) / 67- 75/ Janeiro – março / 2008**.

DESSEN, M, A.POLONIA,A,C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Revista Paideia**, 2007. Disponível em www.scielo.br/paideia. Acesso em: 18 de agosto de 2019.

FRAZÃO, D. Biografia de Henri Paul Hyacinthe Wallon. Ebiografia, 2018. Disponível em: https://www.ebiografia.com/henri_paul_hyacinthe_wallon/. Acesso em: 23 de outubro de 2019.

. Biografia de Jean Piaget. Ebiografia, 2015. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jean_piaget/. Acesso em: 23 de outubro de 2019.

. Biografia de Lev Vygotsky. Ebiografia, 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lev_vygotsky/. Acesso em: 23 de outubro de 2019.

FERREIRA, A, L. RÉGNIER, N,M,A. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação, Educar, Curitiba, n. 36, Editora UFPR 25, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, M. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 1999.

GAZARO,D,S. O Papel da afetividade na educação infantil. Instituto Federal Catarinense Campus Avançado Abelardo Luz Especialização em Educação. Santa Catarina, 2018.

GOMES, A, M,A. et al. Os saberes e o fazer pedagógico: uma integração entre teoria e prática. Educar, Curitiba, n. 28, Editora UFPR, 2006.

GOMIDE, P, I, C. **Pais presentes pais ausentes: Regras e Limites**. Rio de Janeiro. Vozes, 2007.

KRUEGER, M, F. A relevância da Afetividade na Educação infantil. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação e Associação Educacional Leonardo da Vinci, 2002.

MICHELS, S, B, C. Relação professor/aluno: a importância da afetividade no ambiente escolar. 2010. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MIRANDA, E. A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino aprendizagem no contexto afetividade. In: 8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós Graduação.

FAFIUV, 2008. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/ARTIGOSPEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 25 de setembro de 2019.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

SALVADOR, C; Coll *et al.* **Psicologia do ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SARNOSKI, E, A. Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem. **Revista de Educação do Ideau**, Vol. 9 – Nº 20 - Julho – Dezembro, 2014. Semestral. Disponível em: <http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/223_1.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

SOUZA, L, B. Afetividade no contexto escolar da educação infantil: Relevância para aprendizagem significativa. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2014.

TASSONI, E, C, M. Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno. In: Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED, 2000.

TIBA, I. **Ensinar aprendendo. Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Editora Gente, 1998.

VYGOTSKI, L, S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. **Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Editorial Veja, 1979.

. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ZAGURY, T. **Os Direitos dos Pais: construindo cidadãos em tempos de crise**. Rio de Janeiro. Record, 2004.